

## **DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA<sup>1</sup>**

Certa manhã de maio último, ocupava-me em minha carteira de trabalho (que *Vicente Salles*, ao vê-la, passou a chamá-la de "laboratório de composições"), na elaboração da partitura do meu Dobrado nº 45 que intitulei de "*Maestro Waldemar Henrique*", quando soa o telefone. Ao atendê-lo, estava no outro lado da linha meu filho Vicente José. Falou-me que participava de um encontro entre amigos, citando, dentre outros, os Drs. Georgenor de Sousa Franco Filho, Itair Sá da Silva e Ferdinando Telles Sirotheau Corrêa, estes últimos santarenos, que aventavam a idéia de tornar-me candidato para concorrer à vaga aberta na Academia Paraense de Letras em virtude do falecimento de Waldemar Henrique. Fui apanhado de surpresa e pedi tempo para pensar. Nesse ínterim, juntou-se ao grupo meu filho José Wilson, e mais e mais amigos, que logo iniciaram os entendimentos para concretizar a idéia, que por sinal contou também com a sugestão da Juíza Lygia Simão Luiz Oliveira, colega do acadêmico Franco Filho e de meus citados filhos na Justiça do Trabalho nesta capital.

Os contatos telefônicos tornaram-se mais freqüentes entre Belém e Santarém, com os filhos e amigos manifestando apoio e estímulo em elevar o "*velho*" à imortalidade. Dessa empreitada também participaram os demais filhos, Maria das Dores - domiciliada em Florianópolis (SC), - Maria da Conceição, Maria de Jesus e José Agostinho, este o único que reside em Santarém, além do genro, noras e até os netos, todos envolvidos no espírito do projeto.

De minha parte, argumentei, entre outros motivos, com o fato de minha avançada idade, muito embora continue em franca atividade criativa e intelectual desde o início da década de 30, quando fiz a estréia como compositor e escritor, não deixando, aliás, de compor um ano sequer, até hoje, mesmo com o peso de quase 83 anos, 75 dos quais dedicados sobretudo às letras e à música.

Não consegui demovê-los do seu intento, que logo tomou corpo até o dia da votação decisiva.

Esta oportunidade que me foi conferida pela Academia Paraense de Letras, por **67,6%** dos votantes, em 14 de junho último, num pleito democrático ao qual compareceram pessoalmente ou remeteram manifestação de sufrágio, na forma regimental, **95%** dos acadêmicos com direito a voto, veio a coroar as minhas caminhadas por outras associações literárias, às quais incluo a Academia Paraense de Música desde a sua fundação (por convite, aliás, de Waldemar Henrique), como titular da Cadeira nº 24, que tem como Patrono meu pai *José Agostinho da Fonseca* (1886-1945), e a Casa de Cultura de Santarém da qual fui presidente no período de 1975 a 1980. Integrei, como vice-presidente, o grupo de idealistas que em 1975 reinstalou a "Sociedade

---

<sup>1</sup> Discurso de posse, proferido pelo Maestro **Wilson Dias da Fonseca** ("*Isoca*") na Academia Paraense de Letras (Belém, 15 de setembro de 1995).

Etnográfica e Literária Santarena", que havia sido fundada em 1872 pelo cientista de fama mundial *João Barbosa Rodrigues* por ocasião de sua permanência em Santarém. Há oito anos eu vinha exercendo o honroso cargo de correspondente literário desta Egrégia Academia Paraense de Letras no Município de Santarém, que sempre procurei desempenhar com zelo e dedicação.

Determina o Regimento Interno da Academia que neste momento cabe-me falar, "*além de quaisquer outros assuntos, da obra literária e da vida do patrono e de todos aqueles que passaram pela poltrona a ser preenchida*" (art. 33).

Sobre o Patrono nada melhor do que recolher dados do resumo biográfico elaborado pelo seu neto Dr. Pedro Pombo de Chermont Raiol, inserido nas ***Obras de Domingos Antônio Raiol - Barão de Guajará***, coleção História do Pará, série Barão de Guajará, edição Conselho Estadual de Cultura (1970), exemplar que me foi ofertado em 1972 pelo Professor Clóvis Silva de Moraes Rêgo por ocasião da memorável Semana de Santarém, levada a efeito no Teatro da Paz, de 24 a 27 de outubro de 1972, talvez com a premonição de que vinte e três anos mais tarde eu, que nasci 19 dias após a morte daquele grande homem da política e das letras, viria a ocupar a Cadeira de que é Patrono.

***Domingos Antônio Raiol - Barão de Guajará***, filho de Pedro Antônio Raiol e de Dona Arcângela Maria da Costa Raiol, nasceu na antiga Vila da Vigia, deste Estado. Aos 5 anos teve a desventura de ficar na orfandade. Seu pai foi trucidado em plenas funções de Vereador em sua terra, quando, defendendo a legalidade, sofreu a Câmara o ataque traiçoeiro dos rebeldes em 23 de julho de 1835.

Em Belém estudou Humanidades, seguindo depois para Recife onde se bacharelou em Direito em 1854, transferindo-se então para o Rio de Janeiro onde exerceu a advocacia, trabalhando no escritório do Visconde de Sousa Franco, durante dois anos.

Regressando à Província, em 1856, aqui se estabeleceu como advogado desempenhando os cargos de Promotor Público da Comarca da Capital e Procurador Fiscal da Fazenda Nacional.

Foi, por várias vezes, eleito Deputado à Assembléia Provincial do Pará e em 1864 à Assembléia Geral pela mesma Província.

Em 18 de fevereiro de 1872 casou-se com D. Maria Vitória Pereira de Chermont.

Em 15 de maio de 1882, por morte do Dr. João José Pedrosa, ***Raiol*** assumiu o Governo de sua terra natal.

Administrou, posteriormente, as Províncias de Alagoas e Ceará

(1882) e São Paulo (1883).

Foi agraciado com o título de *Barão de Guajará* por Carta Imperial de 3 de março de 1883.

Nomeado para exercer a Presidência da Província do Pará em 15 de junho de 1889, não aceitou por se ter apresentado candidato a eleições gerais, cargo para o qual foi eleito no mesmo ano.

Foi um dos chefes do Partido Liberal do Pará, retirando-se da vida política, com a proclamação da República, por se ter conservado fiel às suas crenças monárquicas e amigo pessoal do Imperador D. Pedro II.

De seu casamento teve 3 filhos: Pedro, José e Amélia Pereira de Chermont Raiol.

São suas obras principais: "**Motins Políticos**", em 5 volumes (História dos principais acontecimentos políticos do Pará no período de 1821/1835); "**Abertura do Amazonas**"; "**Reflexões sobre colonização**" (que trata da liberdade religiosa e outros temas); "**História Colonial do Pará**"; "**Visões do Crepúsculo**"; "**Capítulo da História Colonial do Pará**" (desde a expedição de Castelo Branco até o extermínio do domínio espanhol); "**Juízo Crítico**" (sobre as obras literárias de Felipe Patroni); e "**Catequese dos índios na Amazônia**".

**João da Costa Palmeira**, primeiro ocupante da Cadeira nº 7, escritor paraense, filho de Ernesto Eduardo da Costa Palmeira e D. Felisbela Palmeira, nasceu em 07 de setembro de 1889, viveu muitos anos no Pará e morreu em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1952. Foi presidente deste Sodalício, por mais de uma vez (1937 e 1938). Oficial do Exército Brasileiro, chegou ao posto de coronel, e foi destacado para servir neste Estado, onde contraiu matrimônio com D. Inah Palmeira. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em Belém, no ano de 1935. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, além de jornalista. Embora não fosse paraense, produziu obra literária que versa sobre fatos históricos da Amazônia. Publicou três (3) livros: "*Os Guararapes*"; "*Epopéia Amazônica*"; e "*A Campanha de Antônio Conselheiro*" (este dividido em 4 capítulos: O conselheiro, sua origem e sua vida através dos sertões nordestinos; Expedição Moreira César; Expedição do General Arthur Oscar - Organização de um corpo de Exército; e Canudos - Os festejos da vitória. Regresso das forças - Exéquias aos mortos), obras hoje consideradas raras.

**Ernesto Horácio da Cruz**, segundo ocupante da Cadeira nº 7, é paraense de Belém, onde nasceu a 20 de novembro de 1898. Empossado na Academia em 20 de novembro de 1946, faleceu em 16 de maio de 1976. Folclorista, contista e historiador de renome, desempenhou funções destacadas em nosso Estado: Diretor da Biblioteca e Arquivo Público, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, membro do Conselho Estadual de Cultura e Presidente deste Silogeu em três períodos (1954/1956 e

1958/1962), além de sócio correspondente do Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo. Colaborou em jornais e revistas. Também escreveu poemas. Publicou mais de vinte (20) obras, entre as quais: "*Da Roça* (contos e lendas indígenas); "*Na Terra das Igaçabas*" (estudos etimológicos da língua tupi); "*Belém: Aspectos Geo-Sociais do Município*"; "*Colonização do Pará*"; "*Das Casas da Câmara ao Palácio 'Antônio Lemos'*"; "*As Edificações de Belém*"; "*A Estrada de Ferro de Bragança*"; "*A História da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará*"; "*História de Belém*"; "*História do Pará*"; "*Igrejas de Belém*"; "*Igarapé-Miri: Fases de sua Formação Histórica*"; "*Monumentos de Belém*"; "*Nos Bastidores da Cabanagem*"; "*Procissão dos Séculos: Vultos e Episódios da História do Pará*"; "*Ruas de Belém: Significado Histórico e suas Denominações*"; e "*Noções de História do Pará*" (1937 - adotada no Curso Primário).

Permita-me, Senhor Presidente e distinto auditório, fazer como que um breve *intermezzo*, antes de falar sobre o terceiro ocupante da Cadeira nº 7, o saudoso Maestro *Waldemar Henrique da Costa Pereira*.

.....

Conheci o Prof. Georgenor de Sousa Franco Senior (*Príncipe dos Poetas Paraenses*) - que por sucessivas administrações presidiu esta Academia, pai do ilustre Acadêmico Georgenor Franco Filho, incumbido de saudar-me nesta solenidade -, no ano de 1949, quando era editor da Página Literária da saudosa "*Folha do Norte*". Naquele ano promoveu um concurso público de músicas carnavalescas de âmbito estadual. Àquela época predominavam temas inspirados na cultura estrangeira, como "*Touradas em Madri*" (Espanha), "*Ala-lá-ô*" (Sahara), "*Tiroleza*" (Tirol), "*Lig-lig-lé*" (China), "*Caninha Verde*" (Portugal), "*Yes, nós temos banana*" (América do Norte), "*Canção para inglês ver*" (Inglaterra), "*Ride palhaço*" (Itália) e tantos outros. Concorri com a marcha "*Japonesa do Brasil*", que foi classificada entre as três primeiras premiadas. Comandou a claque (improvisada de última hora) em favor de minha marchinha, o meu saudoso amigo e parente Cléo Bernardo Braga. Georgenor Franco, então bancário como eu, ele no Banco da Amazônia S. A. (BASA), em Belém, e eu no Banco do Brasil S.A., em Santarém, deu como subtítulo à matéria jornalística que proclamou o resultado do concurso esta exclamação: "*um bancário que entende de música!*"

"*Japonesa do Brasil*" foi muito executada nos carnavais santarenos e pela sua classificação obteve o prêmio de Cr\$-500,00 (quinhentos cruzeiros), oferta do conhecido Guaraná "Simões". Distribui essa importância, eqüitativamente, entre os dez companheiros do meu conjunto musical "*Euterpe Jazz*", já que sempre foi norma em minha vida artística, nada usufruir financeiramente daquilo que me nasce da alma.

Assim também tenho procedido nas colaborações com as inúmeras musiquetas compostas para cordões da quadra junina, grupos pastoris, teatrinhos escolares ou nos incontáveis arranjos, harmonizações, instrumentações e adaptações de peças minhas e de outros autores,

notadamente para piano, órgão, pequenas orquestras, banda-de-música, "jazz-band", canto etc., trabalhos que já ultrapassaram a casa do milhar, embora nem todos registrados em meu catálogo de composições musicais, eis que muitas e muitas criações foram lamentavelmente extraviadas.

É com esse mesmo espírito que tenho me devotado às intensas atividades de magistério, regência de orquestras, corais, bandas ou como intérprete nos vários instrumentos que executei em minha vida musical, como saxofone, contrabaixo, piano e órgão (este nos rituais sacros), desde os áureos tempos da cena muda, quando dividia com minha irmã Maria Anita Fonseca de Campos o acompanhamento, ao piano, das músicas para mais de 1.500 películas projetadas nas telas dos Cinemas "Vitória" e "Olímpia", em Santarém, de 1927 a 1936, arte que neste ano tem comemorado o seu centenário e que me inspirou a primeira composição ("*Beatrice*", 1931), criada para sincronia do filme "*O Beijo*". Na época, éramos chamados de "*planeiros*", ofício também exercido por *Ernesto Nazareth*, famoso compositor brasileiro.

Inspiração tenho buscado nas mais diversas fontes ou circunstâncias, sejam religiosas, profanas, folclóricas, telúricas ou afetivas. Há composições dedicadas à querida esposa, desde o tempo de namoro e noivado, aos nossos filhos, sobrinhas, afilhadas e amigos. As belezas naturais de minha terra (praias, rios, recantos pitorescos) e as manifestações populares ou folclóricas da região encontram ressonância em minha lira. Da mesma forma, as pessoas com as quais tenho convivido. Estão, neste último caso, as músicas dedicadas aos integrantes da *Filarmônica Prof. José Agostinho*, como, por exemplo, os Dobrados n.ºs. 20, 24, 25, 30, 31, 34, 39 e 42, em homenagem a *Dudu Almeida* (trombone), *Perílio Cardoso* (tuba), *Mimi Paixão* (sax-alto), *Manduca Almeida* (sax-alto), "*Faiéco*" (bombo), *Sebastião Sirotheau* (sax-tenor, depois tuba), *Euclides Ramos*, "*Quidó*" (trompete, depois barítono) e *Adalgiso Paixão* (bombarbino). No início da carreira de compositor, os homenageados foram os meus mestres, tais como nos Dobrados n.ºs. 3 ("*Frei Ambrósio*"), 4 ("*Luiz Barbosa*") e 12 ("*José Agostinho*", meu saudoso pai).

No bi-centenário da morte de **Mozart** (1991), compus o Dobrado n.º 37 ("*Silvério Sirotheau Corrêa*"), com temas do gênio de Salzburgo.

Há também Dobrados compostos para *datas e entes queridos* (filhos, netos, irmãos, pai e minha consorte): *Tinho - 40 Anos* (n.º 40); *Vicente Fonseca* (n.º 46); *Tininho* (n.º 33); *Netinho* (n.º 26); *Adriano* (n.º 32); *Vicente Filho* (n.º 27); *Juliano Wilson* (n.º 23); *Johan Júnior* (n.º 36); *Jean Pablo* (n.º 41); *Wilmar Fonseca* (n.º 10); *Wilde Fonseca* (n.º 11); *14 de Novembro* (n.º 8); *20 de Fevereiro* (n.º 7); e trecho de *17 de Novembro* (n.º 9).

Para as minhas noras Damea, Neide e Fátima compus a valsa "*Três Corações*".

Em cada uma dessas peças procuro *caracterizar* a personalidade do homenageado, como ocorreu, por exemplo, nas valsas dedicadas às filhas, sobrinhas ou afilhadas. À minha abençoada mãe Anna dediquei a Missa i. h. a

*Sancta Annae*. Agora, os beneficiários das homenagens já são também os netos: as valsas "Eula", "Polyana", "Diana" e "Uma Valsa para Lorena"; e os choros "Travesso" (para Fauzi) e "Ternura" (para Amyr), além do "Cinqüentão", para o filho José Wilson.

Para os festejos do 1º Centenário da elevação de Santarém à categoria de cidade, compus a "Abertura Sinfônica", em 1948. Ao ensejo do 5º centenário do descobrimento da América produzi o poema sinfônico "América 500 Anos" (1992), para orquestra e coro (letra de Emir Bemerguy). "Cantata Nazarena", com letra de meu filho José Wilson, é um deceto que homenageia o Círio de N. S. de Nazaré, festa magna de todos nós paraenses. Hinos para as mais diversas circunstâncias (festividades escolares, cívicas ou para clubes recreativos e desportivos, etc.) tenho composto em abundância, geralmente a pedido dos interessados. Músicas de câmara (solos, duos, trios, quartetos, quintetos e outras formações) são peças que venho criando no gênero chamado mais *erudito*, gênero que também pode comportar as diversas composições sacras, especialmente as Missas sobre texto latino (para coro misto, órgão e/ou orquestra), obras que muito devo às preciosas orientações dadas por padres alemães que passaram por Santarém e de estudos sistemáticos da produção de mestres da música como Palestrina Bach, Beethoven e outros.

Já disse *Roland de Candé* que "... a boa música popular é uma música erudita, por ser embasada num sistema erudito: existem músicas populares bastante eruditas" ("História Universal da Música", Editora Martins Fontes, 1ª edição brasileira, 1994, pág. 36).

E acrescento: há músicas eruditas bastante populares, muitas inspiradas em temas consagrados nas tradições populares.

A experiência nos corais e bandas - autênticos "*conservatórios populares*" - é das mais gratificantes, não só pelo caráter democrático desses grupos, como também pela educação e pelo entretenimento que proporcionam à sociedade. As minhas atividades, nesse campo, têm contado com a inestimável colaboração de meu irmão Wilde Fonseca ("*Dororó*"), nos ensaios e na regência há mais de meio século.

Mas como nem sempre há intérpretes disponíveis, quando não por simples curiosidade ou experiência, meu filho José Agostinho vem ultimamente recorrendo a "*execuções alternativas*" no computador, fiel às criações originais, além de utilizar-se do sistema que a informática oferece para o arquivo do catálogo de minha *Obra Musical*, atualmente organizada em 13 volumes, com mais de oitocentas (800) composições registradas, sendo apenas 4 publicados (3 patrocinados pelo Governo do Estado e 1 sob os auspícios de meus filhos).

Quase toda a minha produção literária, iniciada desde os anos da juventude, tem sido enfeixada no "*Meu Baú Mocarongo*", repositório de pesquisas, recordações e reflexões sobre a vida histórica e sócio-cultural

santarena, obra permanentemente atualizada, inclusive para efeito de publicações esparsas em livros, jornais e revistas. Esse trabalho, escrito ao longo de mais de cinquenta (50) anos, que conta, hoje, com onze (11) volumes, em mais de duas mil (2.000) páginas, fartamente ilustrado, e ainda inédito, tem sido fonte de consultas por estudantes, escritores, jornalistas e pessoas interessadas em obter informações sobre a história e a vida cultural de minha terra natal.

Particpei ainda de eventos levados à cena no extinto Teatro Vitória, em Santarém, inclusive com composições musicais de peças de autoria de teatrólogos conterrâneos, destacando-se as Revistas denominadas "*Cadê Nhá Cularinda*" (1935) e "*Olho de Boto*" (1936).

As manifestações folclóricas também têm sido objeto de meus estudos, como são, por exemplo, os casos das coletâneas que intitulei de *Santarém Brincando de Roda (50 cantigas infantis, 1958)*; *Nos Braços de Mamãe (10 cantigas de ninar, 1967)*; e *Pastorinhas de Santarém (1986)*, observadas as variantes locais.

Entro neste Silogeu na mesma situação de meu saudoso antecessor Maestro *Waldemar Henrique da Costa Pereira: músico*.

*"A música é uma antiga sabedoria coletiva, cuja longa história se confunde com a das sociedades humanas"*, diz *Roland de Candé* (obra citada).

*"A música, mais do que as outras formas de arte, nos une em nossa natureza humana comum: nos deleita e estimula, nos alivia e conforta"* (orelha do livro "*A música do homem*", de Yehudi Menuhin e Curtis W. Davis, Editora Martins Fontes, 2ª edição brasileira, 1990).

Enfim, "*a vida é som*".

O Prof. Sílvio Meira, ilustre acadêmico, na conferência que proferiu sobre "*Alguns Aspectos da Obra Literária de Pontes de Miranda*", na Semana que lhe devotou o Egrégio Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região, em outubro de 1987, na administração do Juiz Arthur Francisco Seixas dos Anjos, afirmou que o emérito pensador e poeta alagoano:

*"Considera a Música a reminiscência mais divina do espírito humano: "Não há indivíduo capaz de descrever dos deuses ao escutar trecho que lhe vem em harmonias só possíveis às coisas eternas. A fórmula mais perfeita do retorno à Natureza não poderia ser senão esta: o retorno à Música"*.

E prossegue:

*"Não há beleza humana comparável à fúria dos violinos; e se algo existe de elementar, de dinâmico, de eterno, no universo, é a Música. Representa, antes de tudo, uma*

sugestão *EXPRIMÍVEL do Infinito*".

"Que afinidades, ou semelhanças, podem existir entre os escritores e os músicos?"

"Diz Pontes:

"Entre os escritores e os homens que pensam, há uns que nos lembram **Schubert** e **Berlioz**, e os descritivos, outros que têm alma sinfônica, como **Bach**, **Beethoven** e **Wagner**. Ao redor deles estão "ateus da idéia" como os antigos músicos falavam dos "ateus da expressão". As grandes idéias espontâneas exprimem-se em palavras, como poderiam expressar-se em ritmos ou em cores. Os pensadores de escol são antes de tudo grandes músicos - o espírito deles ondula e estremece em **allegrettos** e **scherzos** ou irrompe, profundo, nos **ariosos dolentes**, de uma sonata de Beethoven. Mas são sempre músicos: apenas não precisam de órgãos, nem pianos; têm violinos e harpas dentro da alma" ("Anais da Semana Pontes de Miranda", Imprensa Oficial do Estado do Pará, págs. 67/68).

.....

Concluído o *intermezzo*, retomo a linha do discurso para fazer um destaque especial ao meu ilustre antecessor na Cadeira nº 7 desta Academia.

Tomei contato com **Waldemar Henrique** em 1931 através de uma linda canção que fizera sobre versos de Antônio Tavernard intitulada "*Louco de Amor*" (ou "*Canção de um Vagabundo*"). A partir daí, acompanhei os seus passos sem conhecê-lo pessoalmente. Isto só se verificou em 1970 quando foi presidir a Comissão Julgadora do 1º Festival da Canção do Baixo-Amazonas, em Santarém.

**Waldemar** (nascido em 15.02.1905, em Belém, onde faleceu em 27 de março do corrente ano) evoluiu na sua caminhada artística, chegando a alcançar o título de Cantor da Amazônia, com as suas criações em forma de *lieds* ou canções, nas quais extravasou todo o seu potencial criativo na beleza do canto. Para o acompanhamento de suas criações sempre utilizou como instrumento do piano, que mereceu a sua preferência. Revelou-me certa vez que não era um instrumentista, nem como compositor nem como executante; pois considerava a voz humana como a melhor intérprete para as suas criações musicais. Nela manifestam-se a nostalgia romântica e dissociações afetivas. Através dela deixou transbordar todo o seu lirismo do amor e da natureza. Ele sabia unir texto e música, pois aceitava a tese de que um é inconcebível sem a outra.

Durante a "*Semana de Santarém*" (1972) fui convidado por **Waldemar Henrique** a registrar uma mensagem no livro de visitantes adotado pelo Teatro da Paz. Improvisei um pentagrama e entremeei no texto dois

temas musicais, um da canção "*Louco de Amor*", de sua autoria, e outro da "*Canção de Minha Saudade*", de minha lavra. Ao terminar o registro, mostrei ao ilustre colega a mensagem. Notei que ele logo reconheceu a minha composição, executada por várias vezes nos recitais que se sucediam no Teatro, naquela ocasião. Estranhei, porém, a sua *indiferença* com o trecho da canção de sua autoria. Resolvi, então, fazer-lhe uma surpresa. No dia seguinte, acompanhei ao piano a execução de "*Louco de Amor*", interpretada por Antônio Waughon, tenor santareno, o que causou profunda emoção no saudoso Maestro paraense, então Diretor do Teatro e presente ao evento, em seu costumeiro camarote especial, eis que aquela muito bem sucedida "*Semana*" resultou de sua iniciativa e prestígio, em todas as noites, com casa lotada, inclusive com a presença do Governador Fernando Guilhon, que aproveitou a ocasião para lançar um disco compacto, que, por feliz coincidência, registra num de seus lados a gravação do inesquecível "*Tambatajá*" (de Waldemar Henrique) e no outro a "*Canção de Minha Saudade*". Só então *Waldemar* conseguiu lembrar-se de sua composição "*Louco de Amor*", feita nos idos de 1931, para a Revista Teatral "*Casa da Viúva Costa*", que ele não havia registrado no catálogo de suas obras musicais, mas que eu gravara na memória desde quando a ouvi pela primeira vez no canto de *Joaquim Toscano*, excelente tenor, santareno por adoção, que tantas vezes acompanhei ao piano, especialmente nos duetos operísticos interpretados em conjunto com minha saudosa irmã Maria Adahyl.

Foi justamente a canção "*Louco de Amor*" que aproveitei como tema principal, dentre outros, para prestar a homenagem ao saudoso colega no Dobrado nº 45, que aludi no início desta oração.

Hoje *Waldemar Henrique* está no céu a compor e a cantar no câro dos anjos, não mais "*Tambatajá*", "*Boi-Bumbá*", "*Matintaperêra*" ou "*Foi bôto, sinhá*" acompanhados pelo seu indispensável piano, mas novos hinos divinos acompanhados pelas trombetas e harpas celestes, louvando as Glórias do Senhor!

*Waldemar*, este lugar continua sendo teu, porém prometo ocupá-lo nestas circunstâncias, com dignidade, de acordo como permitir o compasso de minha já avançada vida terrena, hoje regida por um andamento *Adagio* ou *Largo*, em compasso marcado não por um metrônomo, mas por um companheiro marcapasso implantado junto ao meu coração!

Dedico à "*minha terra tão querida, meu encanto, minha vida*", a homenagem pela escolha de meu nome para ocupar a Cadeira nº 7 neste Silogeu. Outros santarenos ilustres mereciam estar aqui há mais tempo, dentre os quais menciono, apenas a título de exemplo, Felisbelo Sussuarana, Paulo Rodrigues dos Santos, Padre Manuel Albuquerque, Silvério Sirotheau Corrêa, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Cléo Bernardo de Macambira Braga, Lúcio Flávio Pinto, Felisberto Sussuarana e Emir Bemerguy (quase todos parceiros em diversas composições, inclusive este último que me honra com a sua presença nesta solenidade, à qual comparece não só na condição de amigo como na qualidade de representante da Câmara dos Vereadores de Santarém).

A todos eles rendo o meu tributo, o meu respeito e o meu reconhecimento por tudo o que fizeram em prol da cultura paraense, em especial na "*Pérola do Tapajós*".

Agradeço, enfim, aos ilustres integrantes desta seleta Academia - a começar pelo eminente Acadêmico Presidente Dr. Hilmo Moreira, com quem guardo laços de amizade, construída por nossos pais, - pela carinhosa acolhida neste Sodalício, e em especial ao Dr. Georgenor Franco Filho, cujas palavras me comoveram sobremaneira, às autoridades presentes ou representadas, tais como o Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Santarém (Dr. Ruy Corrêa) e o digno representante do Poder Legislativo da cidade de Santarém de Portugal (Sr. Raul Franklin Loureiro), ao Coral da Universidade Federal do Pará, à Banda de Música da Polícia Militar do Estado, aos demais músicos que se apresentaram nesta sessão solene, ao eminente Acadêmico Alonso Rocha (atual *Príncipe dos Poetas Paraenses*), pela declamação de suas belas poesias, e a todos os que aqui compareceram para prestigiar este evento, notadamente meus irmãos, filhos, netos, demais familiares e amigos. À querida *Rosilda*, minha eterna musa inspiradora, "*a rosa que eu colhi*" no jardim da vida, saiba que também nesta Cadeira haverá sempre "*Um lugarzinho pra você*"!

Muito obrigado!